

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**KEILLA CAROLINE ALBUQUERQUE
CONCEIÇÃO**

**MÍDIA: MATERIAL DIDÁTICO OU INSTRUMENTO
MANIPULADOR? O QUE DIZEM OS ESTUDOS?**



Rio Claro
2015

KEILLA CAROLINE ALBUQUERQUE CONCEIÇÃO

MÍDIA: MATERIAL DIDÁTICO OU INSTRUMENTO MANIPULADOR?
O QUE DIZEM OS ESTUDOS?

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Rosa R. Martins de Camargo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2015

370 Conceição, Keilla
C744m Mídia : material didático ou instrumento manipulador? : o
que dizem os estudos? / Keilla Conceição. - Rio Claro, 2015
44 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Maria Rosa R. Martins de Camargo

1. Educação. 2. Tecnologia. 3. Informação. 4. Desafios. 5.
Avanços. 6. Comunicação. I. Título.

DEDICATÓRIA:

Dedico esse trabalho aos meus pais

Por sempre me apoiarem em meus sonhos.

Agradecimentos:

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus pela fonte de sabedoria.

A minha família, aos meus pais que foram fundamentais por terem acreditado em meu sonho, e sempre prestaram uma palavra amiga.

Ao meu noivo, pela paciência e sua cooperação.

A minha irmã a qual é uma pessoa essencial em minha vida.

A todos os professores que de certa forma me ajudaram a compor as ideias, com suas indicações de leituras ou outros objetos de estudo.

Aos meus colegas da faculdade, os quais ajudavam uns aos outros.

E especialmente a querida Maria Rosa, por sua atenção, e suas sábias palavras em minha orientação.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender a mídia e o universo didático-pedagógico, e assim como o uso dos meios midiáticos podem contribuir frente a aprendizagem . A pesquisa mostra esse novo aluno, como também esse novo professor, e quais os desafios que ambos passam por usarem os meios de comunicação, em especial a tecnologia. Para tanto foi realizada uma pesquisa documental, e diversos autores dialogaram entre si diante do tema apresentado. O estudo pautou-se pela abordagem qualitativa, fundamentada a partir de alguns autores.

A pesquisa mostrou que com o avanço tecnológico os jovens se interessaram mais com os estudos, já que a informação ficou cada vez mais rápida, contudo mostrou também que alguns professores têm certo tipo de receio de usar outros materiais didáticos além do tradicional. O estudo também mostrou que apesar dos benefícios que a mídia traz, o importante é estarmos atentos já que tem-se um excesso de informações, e precisamos selecionar uma informação boa de uma ruim.

Palavras chave: Mídia. Avanço. Tecnologia. Informação. Desafios.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
A PESQUISA.....	9
1. BREVE PERCURSO TEÓRICO	11
2. EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO	12
2.1. Transformações da informação	16
2.2. Processos de avaliação.....	18
3. NOVOS OLHARES PARA A TECNOLOGIA.....	20
3.1. Educação à distância.....	23
3.2. A escrita e a fala no mundo digital	24
4. EXCESSOS DE INFORMAÇÕES.....	26
4.1. Qualidades dos materiais	29
4.2. Diferentes caminhos na leitura e na escrita	32
5. MÍDIAS E SEUS ENFOQUES.....	33
5.1. Programações de usos.....	35
5.2. A figura do professor	36
5.3. Sobre o acesso tecnológico.....	37
5.4. Em busca de outros elementos	39
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	41
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

O presente estudo procura trazer elementos para a relação da mídia com o universo didático-pedagógico, no intuito de contribuir para olhares diversos de sua utilização. A intenção deste estudo é apresentar posição de alguns autores sem tomar partido quanto ao que deve ou não ser, do que é mais ou menos adequado. Trata-se de apresentar alguns elementos para a discussão.

Percebemos que com o avanço da mídia e, conseqüentemente, da tecnologia, as crianças e os jovens estão cada vez mais do lado de “assistirem” a sociedade do que a de produzirem, e essa situação poderá tornar-se uma espécie de reprodução em sua fase adulta. No que concerne aos brinquedos, por exemplo, podemos acompanhar que antigamente as crianças criavam seus brinquedos, e atribuíam asas para os seus "faz de conta"; hoje ao contrário compra-se um brinquedo que faz praticamente tudo sozinho, e então a criança assume o papel de espectadora. Não há criatividade infantil que resista a tanta regulação (COSTA, 2002).

Não podemos descartar a ideia de que os alunos vivem e convivem em um mundo onde a tecnologia está cada vez mais presente, como por exemplo, com o celular, a tarja magnética, o código de barras; são avanços tecnológicos que estão se incorporando cada vez mais rápido na vida das pessoas.

Nesta direção, trazendo questões da contemporaneidade, é que refletimos com Bauman (2010):

(...) não é surpreendente que, na lista das capacidades fundamentais que os jovens são chamados a dominar (e desejam fazê-lo, impacientes), surfar supere amplamente os conceitos cada vez mais obsoletos de indagar e aprofundar. Os adolescentes perdem alguns importantes sinais sociais porque estão muito concentrados em seus iPods, celulares ou videogames. Na sala de aula, percebe-se continuamente que não conseguem cumprimentar nem estabelecer contato visual (p.66).

Equipamentos como a televisão, o computador, estão aliados na companhia de jovens e crianças, e estes se identificam com eles; quanto maior é

o isolamento dos jovens, maior é o poder de influência que a mídia oferece sobre eles (CAMPOS, 1985).

A família, ainda segundo Campos (1985) por sua vez, tem pouco ou nenhum controle do que os seus filhos assistem, ou o conteúdo que acessam na internet, mas o que ocorre é que por muitas das vezes, por conta do trabalho, os pais ficam pouco tempo em casa e não se dão conta de como esses elementos tem provocado uma mudança na personalidade de suas crianças, como é o caso da televisão, por exemplo, esta pode ser considerada como a grande divulgadora da mais poderosa forma de influência sobre as crianças atualmente- a *Kindercultura*.

A chamada *Kindercultura* a qual pode se dizer que é a cultura popular à qual as crianças estão submetidas por passarem muito do seu tempo livre entre quatro paredes, representa uma pedagogia cultural, desenvolvido prioritariamente, mas não somente, dentro de casa. A educação das crianças pela *Kindercultura*, ocorre nos programas de TV, nos filmes, em jornais, revistas, nos brinquedos, livros, entre outros (STEINBERG e KINCHELOE, 2001).

Essa chamada pedagogia cultural acaba, de certa forma, por substituir o currículo escolar tradicional, já que é mais interessante e mais vivo como também mais real o que nos oferece a mídia.

Conforme lemos em Buckingham (2003) as pessoas devem estar preparadas para utilizar a mídia com mais proveito, tanto como consumidoras quanto como cidadãs. Devemos, portanto, selecionar e sermos críticos ao ver, selecionar ou acompanhar um conteúdo midiático; não podemos ser alienados ao ponto de apenas reproduzi-lo.

Próxima ao mesmo paradigma, Tyner acredita que as formas eletrônicas não estão corroendo as mídias impressas como o livro e o jornal, mas estão modificando as formas de como se lê e se escreve e, assim, mudam-se as concepções sobre o que significa ser alfabetizado (TYNER, 1998).

No caso do uso da comunicação pela mídia virtual, temos acompanhado que a linguagem virtual é muito abreviativa o que pode levar à hipótese da emergência de dificuldades para escrever corretamente, por parte de jovens escolares.

Diante desses pontos apresentados abreviadamente, podemos nos perguntar: qual é o papel do professor frente à questão que a mídia traz? E como se posiciona o aluno frente a essas questões?

Neste estudo busco articular essas questões sobre a mídia e o ambiente escolar, buscando conhecer um pouco mais sobre a realidade dessa nova era e com os desafios que a educação encontra.

1. A pesquisa

Desde os meus tempos como aluna, o que sempre me chamou a atenção foram as aulas de Língua Portuguesa, que eu adorava, assim como podia perceber o esforço das professoras para que os alunos se interessassem em suas tarefas. Um momento muito gostoso que me recordo era quando terminávamos nossos trabalhos e podíamos nos entregar àquele mundo da escrita; recordo-me que a professora disponibilizava livros na sala, para quem quisesse se deliciar com adoráveis histórias. A escola onde estudei também possuía biblioteca, mas a professora tinha sua biblioteca em sala de aula também.

O que mais me chamava a atenção quando estudava, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, era que a professora despertava o gosto dos alunos pela leitura e escrita, através de uma forma agradável, utilizando bastantes jogos e brincadeiras; não ficávamos presos somente ao livro.

E com o passar dos anos, escolhi fazer o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, já que também queria despertar o desejo das crianças, desde pequeninhas pela leitura e a escrita. Percebo que o tempo passou, muita coisa mudou, e as crianças parecem já não ser como aquelas de antigamente em relação a leitura e a escrita. O comportamento mudou, como também toda a sociedade que se atrela, cada vez mais, a avançadas tecnologias que acabam por interferir [positiva ou negativamente] no dia a dia de cada um de nós. Nos limites deste trabalho, não aprofundarei essa análise da interferência se positiva ou negativa; por ora, apenas reconheço que mudanças houve e continuam havendo.

Em meu primeiro ano no curso universitário aprendi várias teorias através de diversos autores, e no final do semestre ingressei como estagiária em uma Escola de Educação Infantil, na qual especificamente fui trabalhar com o Maternal. Tinha em mente que teoria e a prática são ótimas companhias, pude me aproximar de ambas e, então, acredito ter adquirido outra visão ao tentar relacioná-las. Nesse sentido, considero que tive um olhar mais minucioso para aquelas crianças, percebi que o dia a dia delas, de muitas delas, passava horas e horas em frente a uma televisão. Um caso em particular que posso relatar é que

na turminha em que lecionei deparei-me com uma criança que não queria ficar com o grupo, distanciava-se dos amigos, e podemos dizer assim “vivia nos contos dos quadrinhos”. Foi necessário realizar um trabalho juntamente com a sua família, buscando reverter esse quadro. Um dos indícios a que chegamos é que a dificuldade da criança parecia ser consequência dos longos períodos em que era exposta à mídia. Ao final, nosso esforço e atenção para com essa criança trouxe algumas mudanças, sendo que ela participava, interagia, brincava, o que nos trouxe grande satisfação. Essa criança parecia ser outra...

Perguntamo-nos: como conseguimos? O trabalho que conseguimos desenvolver com a criança, pais e pessoas da própria escola, ainda está por ser compreendido. Neste momento, me vem à mente algumas ações, talvez realizadas mais intuitivamente do que como um delineamento teórico-reflexivo.

Foi um longo e profícuo trabalho com jogos e brincadeiras pedagógicas, como também a consciência da família para a problemática, e a ajuda da mesma para termos sucesso no final.

Com isso, quando pensei em um trabalho de conclusão de curso, logo ponderei acerca desse tema, delineando como objetivo estudar como os meios de comunicação podem afetar de forma favorável, ou não, os alunos, olhando também para como também a sociedade em geral é afetada.

Vários professores do Curso de Pedagogia me ajudaram indicando autores que tratavam do tema como Buckman, Benjamin, John Palfrey, entre outros, que enriqueceram em muito a minha pesquisa.

Cabe informar que o estudo define-se como uma pesquisa bibliográfica com características qualitativas.

Nas páginas a seguir, vamos fazer uma aproximação do tema considerando algumas leituras de aprofundamento feitas de estudos e reflexões já elaboradas.

2. Breve percurso teórico

O texto deste estudo se organiza em tópicos que podem colaborar para o entendimento do tema, norteando-nos pelo objetivo delineado.

Retomando as perguntas: qual é o papel do professor frente à questão que a mídia traz? E como se posiciona o aluno frente a essas questões?

Retomando o objetivo: objetivo estudar como os meios de comunicação podem afetar de forma favorável, ou não, os alunos, olhando também para como também a sociedade em geral é afetada, do ponto de vista de alguns estudiosos que abordam o tema das mídias.

2.1. Educação e comunicação

Os produtos da chamada indústria cultural, chamados meios modernos de comunicação que são o rádio, a televisão, o cinema, o computador, jornais, revistas etc, utilizam-se de tecnologias que favorecem o consumo desses produtos pelas pessoas, transformando a cultura, fazendo com que a mesma fique acessível a grupos sociais diversos, sendo assim chamada a época da informação instantânea, o que é entendido, muitas vezes, como sinônimo de conhecimento, como diz Geraldo Filho (2001).

Geraldo Filho (2001) ressalta um ponto importante em seu livro: A boa escola no discurso da mídia:

Se os indivíduos conseguem construir suas identidades por meio desse consumo diversificado de bens culturais, resta saber se existe base empírica na hipótese de que há um conhecimento validado e legitimado que circula no formato de mercadoria e que permite que as pessoas tenham liberdade de escolha, servindo-se, desta forma, de instrumentos simbólicos que favoreçam a construção de suas identidades. (p.49).

Os adultos estão preocupados com a maneira com que as crianças estão aprendendo devido ao grande e fácil acesso aos meios de comunicação, que podemos, nesse caso, chamar de os modernos meios de comunicação. Nesse aspecto, parece-nos que as crianças não estão lendo livros do começo ao fim, como costumavam fazer. Por outro lado, como nos informa John Palfrey e Urs Gasser (2011) em seu livro: Nascidos na era digital a ideia de que as crianças de atualmente não estão aprendendo como os seus pais, seus avós, não significa que elas não estejam aprendendo. Um exemplo que os autores citam em seu texto não é pelo fato de que jovens não estejam lendo jornais e revista impressos, isso não significa de que não estejam lendo *online*, porém, estes usuários da internet devem ter um bom senso e entrar em uma fonte segura de informação. Como definir o que é uma fonte segura de informação? A que informação esses usuários têm acesso? Como processam as informações a que têm acesso?

O que parece estar ocorrendo é o fato de que atualmente somos, em tese, muito visuais, é só entrar em algum site de notícias ou pegar um jornal impresso, e

é possível observar que as imagens/figuras dominam as notícias/informações. Tal disponibilidade acaba conduzindo o leitor a visualizar somente as imagens, e menos, talvez, um texto escrito; pouco podemos falar quanto ao alcance do contexto em si; nem temos referência para saber se leem e como leem, por exemplo, um texto disponibilizado abaixo da figura.

John Palfrey e Urs Gasser (2011) traçam algumas considerações a respeito da escola e, nela, as tecnologias da mídia; o autor ressalta que o mais importante na escola não é usar mais tecnologia no currículo, mas usar de modo eficiente, ou de modo afirmativo, como se refere o autor; assim, ela deve ser parte do currículo do cotidiano. Mais à frente, os autores trazem:

Em vez de se preocuparem com a “divisão digital” em termos apenas do acesso às tecnologias, as escolas precisam adotar estratégias afirmativas para ensinar as crianças, que do contrário ficarão para trás no mundo digital e impedidos de atuar efetivamente dentro dele.” (p.274).

A questão abordada pelos autores, John Palfrey e Urs Gasser (2011) traz um apontamento de que devemos nos preocupar com as pessoas que estão crescendo na era digital, já que muitas não estão aprendendo habilidades de coletar, processar e criar informações, baseada no que aprendem e compartilham com os outros. Os autores ainda destacam alguns problemas que as crianças, jovens e adultos podem enfrentar com as informações no mundo digital; uma delas é que as pessoas fazem várias coisas ao mesmo tempo, e não dão a devida importância à tarefa que esta sendo realizada. Outro exemplo que podemos citar onde, nas aulas, a atenção dos alunos é facilmente desviada com e para seus amigos na ponta dos dedos, o tempo todo. Podemos citar o celular, que apesar de proibido em salas às vezes é utilizado.

Os pais também se preocupam com essa nova era, já que eles consideram um espaço muito curto de atenção, já que os seus filhos estão migrando de coisas como revistas e livros em formato para *Web*.

Outro ponto importante e bastante preocupante é o que o uso inovador da tecnologia traz que é chamada Cultura de copiar e colar, sendo esta uma prática contrária à ética educacional tradicional. Este é um ponto que preocupa muitos professores quando passam um trabalho para os seus alunos.

Os professores podem incluir na grade curricular da disciplina, jogos, já que crianças e adolescentes parecem ter muita atenção para jogar, a ideia é de encontrar maneiras de usar jogos para ensinar matemática ou ciências, como também outras disciplinas, e isto várias escolas estão fazendo, e os resultados podem ser positivos.

Podemos pensar assim: as coisas que as escolas e os professores fazem melhor não devem ser descartadas na pressa de usar a tecnologia, ou outros meios de comunicação na sala de aula.

John Palfrey e Urs Gasser (2011) em seu livro trazem:

A maneira em que os alunos aprendem a pensar criticamente, a maior parte do tempo, é através do antiquado diálogo, com pessoas trocando opiniões e examinando um tópico em profundidade, questionando e explorando as questões em um ambiente real, face a face: nosso ensino, nesses casos, não deve ser necessariamente mediado por novas tecnologias". (178).

Neste caso, podemos salientar a importância dos diálogos que agora ocorrem na maioria das vezes: o chamado dialogo virtual. Podemos pensar em práticas pedagógicas que os professores podem usar para criar esse ambiente em sala de aula, propiciando o diálogo, e não somente deixar cada aluno sentado em sua cadeira, pode se criar grupos de estudos na sala e fora dela também, ao invés de permanecerem sentados separados, os alunos possam sentar juntos com os seus colegas de classe, e debater algum assunto em conjunto. Com isso, as discussões e, em consequência, os resultados de aprendizado, poderão ser mais satisfatórios.

Nesse assunto, John Palfrey e Urs Gasser (2011) destacam que as escolas devem usar as tecnologias digitais para encorajar a aprendizagem em equipe. Os autores fazem também uma afirmação de que televisão não transformou a educação, como também a internet não transformará; o que irá acontecer é que esses meios de comunicação serão um instrumento para os professores atingirem os alunos na sala de aula, como também serão um meio através do qual os alunos poderão aprender fora da sala de aula.

2.2. Transformações da informação

Outra mudança a qual podemos constatar através dos autores John Palfrey e Urs Gasser (2011), são as modificações nas bibliotecas nas últimas décadas, como o crescente recursos digitais, algumas delas estão diminuindo o espaço dos livros e cada vez aumentando mais o número de computadores e impressoras. Sendo assim, muitas bibliotecas estão se tornando mais parecidas com livrarias. A digitalização significou que os livros em seu formato clássico encadernado, não é a única maneira de transmitir informações, assim os usuários obtêm mais opções de leitura.

Ainda com os autores John Palfrey e Urs Gasser (2011) ponderam que os livros não estão mortos e a cultura não está entrando em colapso, então não há necessidade de preocupação com o futuro do livro, os livros em papel são muito importantes, muitas pessoas preferem ler o livro impresso a o digital.

As escolas devem em primeiro lugar colocar os aprendizes, elas devem se preocupar seriamente em descobrir como as crianças estão aprendendo e construindo habilidades de vários conteúdos midiáticos que recebem.

As crianças de atualmente encontram informações mais rápida devido ao seu acesso a internet, e conseqüentemente elas estão processando as informações diferentemente das crianças de décadas anteriores, essas informações por sua vez estão cercadas de muito menos contexto. O desafio então é ajudá-las a extrair sentido desses novos contextos e novos significados, como John Palfrey e Urs Gasser avaliam.

O efeito democratizado da internet como cita John Palfrey e Urs Gasser (2011) é ótimo em muitos níveis, a criação de um ambiente de informações diversificados parece, portanto finalmente ao alcance de todos. O grande problema podemos pensar em relação aos meios de comunicação, é de que temos acesso demais a informação, e assim temos que estar sempre atentos para ter um bom senso e poder usar essas ferramentas.

Muitos assuntos como saúde, sexualidade, jovens e crianças vão procurar obter informações na internet é o que aponta o estudo feito por John Palfrey e Urs Gasser (2011) e publicado em seu livro: Nascidos na Era Digital; e então se esse usuário não tiver bom senso ou se entrar em um site não confiável irá acabar obtendo uma informação errada. Neste caso cabe a escola inserir em sua

programação algumas palestras com esses temas para os alunos afim de os mesmo tirem suas dúvidas, já que muitas crianças, jovens não conversam abertamente com os seus pais sobre alguns assuntos, ou os mesmo não lhe dão espaço para estabelecer diálogos. O mesmo estudo aponta que cerca de 60 milhões de pessoas dizem que as informações *online* desempenharam um papel importante ou fundamental em pelo menos uma decisão importante que tomaram no passado recente (p.184).

John Palfrey e Urs Gasser (2011) cita em seu livro:

É essencial que todos sejamos capazes de diferenciar a boa informação da ruim. Em virtude da idade e do nível da educação, os Nativos Digitais são mais suscetíveis do que os adultos às ameaças colocadas pelas informações erradas. Se nossos filhos não estão preocupados com a questão da qualidade da informação, então precisamos intervir em seu benefício. Como pais e professores, devemos estar preocupados com isso, se eles não o percebem como um problema. Porque todos sabemos que há um material maravilhoso na *internet*, mas também muita informação errada que pode prejudicar demais aqueles incapazes de enxergá-la pelo o que ela é.” (p.184).

Mais à frente os autores John Palfrey e Urs Gasser (2010) discorrem sobre a ideia que é impossível definir o que significa qualidade quando se trata de informação, o resultado a que se chega é que temos um entendimento muito melhor do que se pode significar qualidade. Então pensamos que uma definição comum para a qualidade da informação é a adequação ao uso. O fato é de que a informação torna-se cada vez mais complicada quando falamos a seu respeito no contexto humano.

John Palfrey e Urs Gasser (2011) a respeito disso mencionam que toda informação tem um relacionamento específico com a pessoa que a está utilizando, a forma como a informação chega para a pessoa ira depender da bagagem cultural que a mesma carrega, ela ira interferir, portanto no resultado da busca do que se procura. Outro aspecto importante é a contextualidade, a mesma peça pode ter uma qualidade completamente diferente em diferentes contextos para o mesmo recipiente. O contexto pode fazer o valor da mesma informação varia desde essencial até potencialmente perigosa.

2.3. Processos de Avaliação

John Palfrey e Urs Gasser (2011) também trazem no seu livro: Nascidos na era digital, sobre os processos de avaliação já que ele considera esses processos mais difíceis para as crianças do que os adultos, uma razão simples para que isso ocorra é de nas crianças os cérebros ainda não estão totalmente desenvolvidos, outra razão é que crianças e jovens possuem uma amplitude de atenção mais curta do que muitos adultos, como também os jovens tem menos experiências próprias em comparar informações que estão avaliando. O resultado é que embora a escolha de informações seja difícil para todos, é particularmente enganosa para a maioria dos jovens.

Ainda em seu livro John Palfrey e Urs Gasser (2011) trazem a informação de que os neurocientistas têm mostrado que os adolescentes não têm um córtex pré frontal em pleno funcionamento, uma área do cérebro fortemente envolvida na seleção, na interpretação, na avaliação, na modificação e na ordenação de informações semânticas, isso sugere, entre outras coisas, que os adolescentes não estão tão bem equipados para prever as consequências de suas ações e planejar antecipadamente.

Em um trecho do seu livro John Palfrey e Urs Gasser (2011) explica:

O fato de o córtex pré frontal ainda estar em construção, digamos assim, tem um impacto na capacidade para avaliar riscos e na disposição para assumi-los. Em termos simples, como os adolescentes ainda não estão totalmente estruturados, sua capacidade para selecionar, avaliar e escolher informações é limitada em comparação com sua capacidade quando estiverem totalmente e desenvolvidos. E, como concluíam os estudiosos, a inteligência das crianças é fundamentalmente diferente daquela dos adultos. O estágio de desenvolvimento biológico e moral das crianças é importante para a sua capacidade de avaliar com precisão a acurácia da informação.” (p.187).

Os estudos de John Palfrey e Urs Gasser (2011) mostram que as crianças que passa mais tempo em computadores conectados à rede tem uma maior probabilidade de ter uma visão cética dos tipos de informação que extraem das fontes baseadas na rede.

A qualidade da educação é um fator importante na capacidade de acessar informações, uma vez instruídos crianças e adolescentes tende a obter informações mais precisas e confiáveis.

Assim como o problema na qualidade de informação a ética também entra em questão, a informação eticamente questionáveis, podem causar danos as crianças impressionáveis, como por exemplo nos Estados Unidos em que varia a lei de cada Estado.

John Palfrey e Urs Gasser (2011) comparam os mercados com a informação, discorre sobre a ideia de que os produtos de informação são valorizados e tratados como outros produtos em um mercado, como reza a teoria, e o mercado funciona mais ou menos eficientemente, as pessoas também fazem isso examinam, comparam, avaliam e finalmente escolhem entre diferentes informações, quer se tratem de notícias, informações de saúde ou informações sobre qualquer outro tópico, em qualquer meio. Embora essa ideia soe convincente, não funciona na prática com a maioria das pessoas.

As pessoas só podem avaliar a qualidade real da informação após consumi-la, o que chama John Palfrey e Urs Gasser (2011) de “produto experimentado”, a exemplo disso só podemos avaliar um artigo lendo-o, entretanto o autor, o criador da obra, sabe muito mais sobre a qualidade do artigo.

Há alguns sites que possuem ao final do seu artigo sistemas de avaliação, e permitem aos usuários construir uma opinião sobre a qualidade do conteúdo digital em que estão interessados.

Podemos então pensar de não somente na escola, utilizar os processos de avaliação o qual os professores devem submeter seus alunos, podemos refletir nós adultos em uma auto avaliação antes de se submeter ao uso das tecnologias.

3. Novos olhares para a tecnologia

No decorrer dos últimos anos, podemos notar que a mudança no ensino das escolas passou por transformações, e destacar a internet presente nas salas de aula, como uma dessas transformações.

Samuel Netto (2001) discorre sobre esse assunto em seu livro - Telas que ensinam:

Vivemos o fim de uma época. Um certo tipo de dominação ocidental chega ao seu término no momento em que declina um sistema industrial pesado. Começa uma nova época: uma nova repartição de áreas de poder surge num mundo encolhido em virtude dos novos poderes criadores e destruidores do homem. É o momento em que nasce um sistema industrial leve, informático, que deverá transformar radicalmente o domínio do homem sobre o mundo, do mesmo modo que o fizeram a máquina a vapor e o motor de explosão. Entre este mundo que morre e um mundo que talvez esteja nascendo, vemos-nos às voltas com uma depressão perigosa, na qual poderão perecer muitas esperanças da aventura humana. Sobre a nossa capacidade de transpor esse fosso coloca-se efetivamente um desafio doravante mundial” (p.28).

Algumas instituições ainda veem-se acanhadas com o papel das tecnologias nas instituições escolares, Samuel Netto (2001) cita em seu livro oito maneiras de desenvolver adequadamente o uso desses meios de comunicação na escola, que são eles:

1. Buscar, localizar e obter rapidamente informações confiáveis;
2. Ter bom senso para distinguir uma boa informação de uma ruim;
3. Discriminar entre informação relevante e irrelevante, entre o que é ou não pertinente;
4. Reter informações críticas;
5. Processar mentalmente a informação
6. Aplicar as informações disponíveis à solução de problemas
7. Participar ativamente com as informações que dispõe
8. Criar novas informações a partir da análise original, que possibilite o enriquecimento cultural, em um sentido mais amplo.

Atualmente podemos pensar que a tecnologia da educação pode assumir a forma de uma aprendizagem altamente individualizada ou na modalidade de educação à distância, alcançar milhões de pessoas ao mesmo tempo, graças à utilização de meios de comunicação, como o rádio, a televisão, como também o computador. A utilização desses meios pode ocorrer tanto no próprio lar, como também em sala de aula, trata-se de tecnologia a serviço de objetos de ensino aprendizagem, como retratam John Palfrey e Urs Gasser.

A outra questão importante que precisa ser salientada como sugere Samuel Netto em relação aos meios de comunicação é que eles são importantes ferramentas no processo ensino aprendizagem, porém nem todos os indivíduos tem acesso a esse recurso; alguns recursos encontram-se limitados até mesmo em instituições escolares, como relata Samuel Netto (2011).

Os recursos como televisão e rádio são praticamente nulos com os fins educacionais, Samuel Netto (2011) cita em seu texto que poderia sim os meios de comunicação fazer parte do cotidiano dos alunos. (p.39)

Muitos meios de comunicação com seus recursos e procedimentos inovadores atualmente vem trazendo desenvolvimentos na atualidade através da mídia educativa, que esta a disposição de estudantes e professores do mundo inteiro. Há também nesse aspecto tecnologias emergentes que aguardam aperfeiçoamento e generalização para serem postas a serviço do ensino formal e informal em massa, como Samuel Netto (2001) cita em seu texto essas mídias são:

[...] o videodisco, a televisão por cabo e por satélite, os microcomputadores, as integrações designadas por neologismo como telemática e multimídia, a realidade virtual e outras, para o acesso imediato à informação armazenada de todos os tipos, ensino interativo, aprendizagem independente, cooperação e intercâmbio com estudantes , professores, etc. (p.41).

Vem florescendo uma tecnologia educacional emergente nas instalações escolares; como também esta havendo uma preocupação maior com as diferenças individuais existentes entre os estudantes, o que acarreta em recentes empenhos bem sucedidos de proporcionar o ensino individualizado ou personalizado, como cita Samuel Netto (2001):

[...] na qual uma vasta gama de meios e materiais de ensino – aprendizagem se mescla com concepções mais abertas e avançadas de currículos e programas, de novos tipos de experiência para aprender e desenvolver habilidades intelectuais (pensar de modo crítico, resolver problemas , tomar decisões , ser criativo e outras) e novas concepções a respeito de avaliação do aluno e do ensino. (p42).

Samuel Netto (2001) também discorre sobre a ideia de que no ensino superior, as universidades desenvolverem programas destinados ao cidadão comum, e ministrado por professores universitários especializados em ensino a distância e mídia educativa. Trata-se, portanto, segundo o autor Samuel Netto de uma serie de desafios que ajudam a buscar novos caminhos e meios mais adequados para ensinar, aprender e democratizar a educação no país.

A mudança pode ser inevitável, mas nem toda mudança significa progresso. Às vezes a mudança conduz somente a um modo diferente de fazer a mesma coisa. Se a mudança no ensino não produz melhores resultados, à redução dos custos por unidade ou a outros benefícios educacionais essenciais, talvez seja o caso de retrabalhá-la ou abandoná-la. Não abandonemos, no entanto, uma ideia promissora até que tenhamos verificado plenamente suas possibilidades. Os resultados de qualquer programa devem ser avaliados à luz de medidas adequadas e de identificação das causas do seu malogro, ou de seu êxito”. (p.43).

3.1 Educação à distância

A educação à distância no Brasil como retratada no livro de Samuel Netto: Telas que ensinam, teve início com a via radiodifusão em 1923, com a iniciativa de Roquette Pinto e um grupo de professores e intelectuais que fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Essa estação de rádio de caráter educativo e cultural, transformada em Rádio Ministério da Educação e Cultura (Rádio MEC) em 1936, desempenhou um papel pioneiro na educação à distância. (SAMUEL NETTO 2001).

Primeiramente vamos entender o que é educação à distância, Samuel Netto (2001) discorre sobre ideia de que o termo educação à distância esta assemelhado com tele-educação e telensino, enfim são todas as formas de educação nas quais o aprendiz normalmente se encontra em lugar distinto daquele em que se acha o professor; como a separação entre a aprendizagem e o ensino tem um profundo impacto nos processos de comunicação entre a pessoa que ensina e a que aprende. Portanto a educação à distância supõe o uso de um, dois ou mais meios de comunicação artificial, a mídia.

Tem muitas pessoas que acreditam que o termo “educação à distância”, trata-se de algo mais respeitável e menos sujeito às críticas Samuel Netto cita um trecho:

Os modernos recursos dos computadores aceitam tanto o melhor, como o pior ensino, nesse sentido os desafios da educação a distância é de quem ira passar o conteúdo o mesmo determinara se é ruim ou bom para os seus alunos. (p.50).

O que realmente fará a diferença, portanto é o que irá ser passado através das telas, e não podemos então ter um pré conceito da forma pela qual o conhecimento é transmitido, desde que ele alcance o conhecimento desejado é válido.

4. A escrita e a fala no mundo digital

Pode-se dizer que os recursos digitais ajudam em muito no cotidiano dos indivíduos, porém por outro aspecto eles deixaram no esquecimento os museus, as bibliotecas e os livros em papel. (Roger Chartier 2002).

O uso da escrita em meios eletrônicos fez surgir uma linguagem simbólica capaz de representar adequadamente os procedimentos do pensamento, são os *emoticons* como se diz em inglês que utilizam de maneira pictográfica alguns caracteres do teclado, para representar um sentimento: alegria, tristeza, raiva, assim há de alguma forma o que Chartier chama de uma comunicação universal das emoções.

Roger Chartier (2002) traz em seu livro - Os desafios da escrita:

Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir da sua própria materialidade... O que se torna mais difícil, contudo, é a percepção da obra como obra. (p.72).

Roger Chartier (2002) destaca que a leitura diante da tela geralmente é fragmentada, já que os usuários podem através de pesquisa por palavra chaves ler apenas onde esta falando sobre o assunto pesquisado, mas o que ocorre é que a leitura fica descontextualizada já que o que é abordado em um livro não esta apenas escrito em uma frase, um parágrafo, ou um capítulo, mas sim é sua totalidade, identidade e a coerência que contém esse elemento.

Nesse mesmo paradigma Chartier (2002) traz a questão de que no mundo digital todas as entidades textuais são como bancos de dados que procuram fragmentos cuja leitura absolutamente não supõe a percepção das obras em sua identidade singular.

O texto eletrônico é um texto móvel, maleável, aberto, o leitor pode modifica-lo, e essa modificação pode ser coletiva, múltipla, é o que se chama-se

de “função – autor”. Com tudo fica difícil saber a originalidade do texto o qual esta sendo lido, até mesmo o reconhecimento do autor pode-se por em dúvida.

5. Excessos de informações

Alguns meios de comunicação podem tornar-se viciantes, como John Palfrey e Urs Gasser (2011) analisam, como por exemplo, a *internet* nela os seus usuários passam horas e horas navegando sem se dar conta do tempo que permaneceram conectados. O vício da internet acaba gerando também uma sobrecarga de informações.

John Palfrey e Urs Gasser (2011) trazem a respeito que o poder e a atração crescentes na *internet* para os jovens, pode ocasionar no que os autores chamam de sobrecarga de informações ocasionado consequências graves, como problemas na saúde, afetando assim o seu desempenho nas atividades escolares, como também o seu convívio com a família.

Nas palavras de John Palfrey e Urs Gasser:

A educação por sua vez oferece a maior promessa em termos de ajudar os jovens a enfrentar a sobrecarga de informações, os pais, e os professores, portanto têm que trabalhar com as crianças para aprender habilidades e dominar as ferramentas que estão a sua frente. (p.228).

Ainda com os autores John Palfrey e Urs Gasser analisam o primeiro passo para o problema da sobrecarga de informações o qual é a conscientização, já que os jovens não estão conscientes dos problemas que estão expostos devido a essa sobrecarga de informações, é muito mais fácil para eles começarem a aprender a usar as ferramentas e os aplicativos que representam as estratégias preventivas mais efetivas contra a sobrecarga, e assim desenvolver novas habilidades.

Outro ponto importante que os autores trazem é a respeito da conscientização que devem ter as crianças, elas não podem realizar multitarefas, e essa informação pode ser contraditória ao que muitos pensam em relação a esse assunto, temos em nossa mente de que com as multitarefas somos mais produtivos, o que acaba ocorrendo é que muitos pais e professores acabam por não ajudar na luta contra a sobrecarga de informações, já que para muitos quanto mais melhor, mas se pensarmos mais sobre o assunto veremos que essa vertente não funciona, portanto devemos encontrar maneiras de ajudar os jovens a

distinguir essas situações em que é bom para eles estarem concentrados em uma tarefa, e momentos em que as multitarefas podem não ser prejudiciais à aprendizagem.

A aprendizagem precisa ocorrer em casa como também na escola, as estratégias que as famílias encontram para lidar com os seus filhos sobre o excesso de informações pode ser diferente de uma família para a outra, dependendo como cada vê a situação.

Entre várias coisas que os pais podem fazer, John Palfrey e Urs Gasser (2011) citam em seu livro: Nascidos na era digital duas atitudes que são muito valiosas, a primeira é que os pais precisam estar concentrados no comportamento dos seus filhos, para que assim observe os sintomas de sobrecarga de informações, para que assim interferir, como também os pais e os filhos devem estabelecer um bom diálogo, e em especialmente como estão usando os meios de comunicação. E em segundo lugar os pais precisam liderar, sendo assim eles precisam ser o espelho para os seus filhos, dando bons exemplos, já que as crianças se espelham nas atitudes dos adultos e querendo reproduzi-las, com isso se os pais começarem a ensinar bons hábitos para suas crianças, com toda a certeza elas também reproduziram esse ato.

De acordo com Rettenmaier (2009):

Nesse contexto, os jovens de hoje, diferentemente dos adultos, parecem não se importar com a sobrecarga de informação em códigos variados. [...] Em meio a várias fontes, conseguem lidar com diferentes níveis de atenção como uma capacidade necessária a quem está centrado em si mesmo e rodeado de muitos inputs de informação que chegam via MSN, e-mail, celular, sites que se abrem a outros sites, etc. [...] A imagem, para os jovens, tem muito conteúdo, diz muito mais do que a nós, mais velhos, treinados para entender principalmente textos. (p. 77).

A característica deste mundo contemporâneo, no qual nossos alunos estão inseridos desde a mais tenra idade, pode-se pensar ainda com Bauman (2010):

As velhas e as novas gerações tendem a se olhar com um misto de incompreensão e desconfiança. Os mais velhos temem que esses recém-chegados estejam prontos a arruinar tudo que eles construíram com muito esforço (p. 64).

Podemos pensar que as pessoas vivem “conectadas” por interesses comuns, mas ao mesmo tempo podemos pensar que elas vivem individualmente em telas digitais, aí podemos pensar será que “estar juntos conectados a uma rede” é de fato estarmos realmente juntos?

Bauman (2010) acredita que a vida está se movendo depressa demais para a maioria de nós, e temos a impressão de que não conseguimos seguir suas curvas e prever os acontecimentos.

5.1 Qualidades dos materiais

O problema de passar informações incorretas é tão antigo quanto à própria civilização, mas com o advento da internet acabou gerando preocupações sobre o que os jovens vem enfrentando cercados de tantas fontes de informação, e também com tantos serviços que permitem alguém se tornar um autor ou um editor que ficou ainda mais difícil distinguir as boas informações das ruins.

Chartier (2002) traz a respeito desse assunto, haverá duas formas de publicação: a que vai continuar a oferecer textos abertos, maleáveis, gratuitos, e a que resultará de um trabalho editorial, e dois aparelhos vão corresponder para casa uma dessas formas: o computador para a primeira e o livro que não permite o transporte para a segunda.

Sendo assim o livro digital permite a identidade e autoridade própria, já que qualquer individuo pode na rede expor suas ideias e opiniões.

Chartier (2002) traz em seu livro: Os desafios da escrita, que a época do texto eletrônico é atravessada por muitas tensões, tais como, no seu livro cita um trecho:

[...] Impor a hegemonia de um modelo cultural único e a destruição, sempre mutiladora, das diversidades”. (p.115)

Por outro lado o texto eletrônico traz uma construção coletiva do conhecimento por meio da troca de saberes. (CHARTIER J. 2002)

O chamado “letramento digital”, que surgiu com as novas tecnologias, vem promovendo um uso intenso da escrita, por força até das características do meio eletrônico utilizado. Com isso, “nossa sociedade parece tornar-se ‘textualizada’, isto é, passar para o plano da escrita”. (MARCUSCHI, 2005, p.15).

Sobre a escrita nos diversos meios eletrônicos Crystal (apud MARCUSCHI, 2005, p.19) cita três características que devem ser verificadas de acordo com linguagem da Internet e sobre o efeito da mesma em nossa linguagem:

- Do ponto de vista dos usos da linguagem: temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética;

- Do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem: integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiperpessoalidade;

- -Do ponto de vista dos gêneros realizados: a Internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros.

O “internetês”, que é uma forma linguística específica nos contextos digitais como cita Souza em um trecho:

Ela é uma escrita por valer-se de grafemas e ser passível de registro e armazenamento, possuindo potencialmente a permanência que caracteriza toda comunicação escrita. Ao mesmo tempo, ela aproxima-se do discurso oral por suas possibilidades quanto à interatividade, por nela podermos identificar traços de organização de trocas de turnos, pelo discurso ser construído conjuntamente e localmente pelos interagentes, e por ele ter sua forma influenciada pela pressão do tempo, tal como acontece na conversação. Ela assemelha-se à conversação, também, por recorrer, ainda que semioticamente, à contextualização paralinguística, por seus usuários parecerem necessitar tão insistentemente transportar para a tela do computador, suas risadas, tons de voz e expressões faciais”. (SOUZA, 2001, (p.33).

Autores como Possenti (2006), Freitag e Fonseca e Silva (2006), Castilho (apud MARCONATO, 2006) acreditam que essa ideia de nova linguagem/ escrita virtual nada mais é que um código da nova geração jovem e moderna, o mesmo que aconteceu com o português medieval, sendo portanto caracterizada como uma metamorfose natural da língua. Esses autores acreditam que os “internautas”, por criarem além da escrita formal, a famosa escrita “internetês” demonstram com isso uma maior competência.

Em contra partida outros autores, tais como Martins (apud MARCONATO, 2006) e Nogueira (apud GUTIERREZ GONZALEZ, 2007), defendem a ideia de que o “internetês” é prejudicial para o ensino da Língua Portuguesa, já que a escrita estaria associada à memória visual, o que acabaria em muitos jovens em formação com vícios em sua ortografia.

De fato essa forma de linguagem “internetês”, dificulta a fluência na leitura, já que deve-se ter um discernimento do tipo de escrita que irá fazer, por exemplo

quando esta conversando com um amigo na internet, e quando for por exemplo ao fazer produções escolares.

A melhor forma de lidar com esta questão seria juntamente com os alunos e os professores estratégias que possam contribuir para o uso consciente da forma como escreve-se nos diversos contextos interacionais, poderia ser realizado um trabalho com as diferentes variedades linguísticas. (MARCUSCHI, 2005).

5.2 Diferentes caminhos na leitura e na escrita

Com a criação da internet e os diversos gêneros digitais, observa-se não somente as mudanças na escrita, como também na leitura.

O hipertexto produzido coletivamente por usuários na internet modifica a relação leitor-escritor, o que pode acabar gerando problemas de compreensão no texto. (ALMEIDA, 2008)

Além disso, como menciona Almeida (2008), por ser afetada por inúmeros fatores tais como a forma como o texto é disposto na página, o tipo de letra e o tamanho, o tipo de monitor de computador, a ergonomia do mobiliário e a iluminação do ambiente; a leitura, a partir da tela de um computador, é 30% mais lenta que a partir de textos impressos e é mais cansativa e, conseqüentemente, de menor compreensão. Por isso, como relata Chartier (2002), o leitor geralmente busca, a partir de palavras-chave, o fragmento textual do qual quer apoderar-se, sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento.

O texto eletrônico pode causar transtornos para pessoas inexperientes, além de contribuir na maioria das vezes para uma leitura mais superficial, por isso deve-se ter cautela ao procurar essas ferramentas e utilizá-las. (CHATIER, 2002).

6. Mídias e seus enfoques

As mídias também ensinam, a respeito disso a televisão teve um grande papel no curso de medicina, como relata Samuel Netto (2001), em seu livro: Telas que ensinam; desde 1937 a televisão foi usada para a transmissão de cirurgias e ensino de técnicas médicas, por meios de circuitos fechados em várias universidades.

Em um trecho Samuel Netto (2001) discorre sobre a ideia:

A televisão e as gravações em vídeo oferecem numerosas vantagens para a transmissão de informação e do ensino – aprendizagem entre as quais a multiplicação, ampliação, associação, transporte, transformação e memorização de imagens é a exibição simultânea da mesma informação em dois ou mais lugares fisicamente separados. (p.102).

Tanto a televisão como o videoclipe, possuem funções de voltar ao que já foi assistido, parar em determinada cena, enfim recursos que podemos dizer que favorecem a aprendizagem.

É claro que tanto a televisão, como filmes, vídeos não estão livres também de serem instrumentos que proveram o excesso de violência, a degradação do sexo, conteúdos de baixa qualidade que alcançam uma larga escala de telespectadores. Infelizmente a televisão alcança pouca ênfase na educação cultural e na informação objetiva e serena, os seus interesses, portanto fica em uma diversão barata, superficial e sensacionalista que desconhece limites. (NETTO, S. 2001).

As crianças aprendem por meio da televisão, mas o que ocorre é que em uma grande maioria dos lares como menciona Samuel Netto (2001) existe apenas um aparelho televisor, e ele esta geralmente sobre o controle dos adultos, que querem assistir principalmente a telenovelas, filmes, séries, portanto das 18 às 24 horas, não se permite às crianças que mudem de canal para assistir outro programa de uma melhor qualidade, sabemos que grande parte dos comportamentos, atitudes, ideias, e valores das crianças são modelados pelos exemplos dos adultos que a cercam.

Samuel Netto (2001) faz uma afirmação que se encaixa plenamente na ideia que estamos discutindo:

Se esses adultos encaram a televisão como mero escapismo, passatempo ou rejeição do mundo da cultura e do conhecimento é pouco provável que os seus filhos desenvolvam uma noção da televisão como uma contribuição para o progresso pessoal de alguém, a não ser que outras influências no sentido contrário intervenham. (p.125).

Fica nítido, portanto a influência que podemos transmitir as crianças boas ou maléficas no contexto da mídia acerca da aprendizagem.

6.1 Programações de usos

Na televisão há um equívoco em programação educativa e programação infantil como a autor Samuel Netto (2001) discute, os adultos sabemos que são pessoas com mentes e personalidades já formadas, mas as crianças estão em processo de formação, e exposição continua e o bombardeio televisual que sofrem podem com toda certeza influenciar suas ideias e opiniões.

Não é fácil produzir programas para as crianças, mas os pais devem estar policiando-se ao que seus filhos então assistindo.

Samuel Netto (2001) cita em seu livro alguns itens consideráveis a respeito do assunto que estamos discutindo.

Primeiramente o autor trás a respeito de que programas de entretenimento são bem diferentes de programas para fins de aprendizagem e de ensino, para tanto os profissionais da redação deveriam ter princípios e práticas pedagógicas para que assim os programas tivessem alguma base de conhecimento para passar as crianças, jovens e adultos.

Outro aspecto essencial é a avaliação da programação levando em consideração um todo.

É preciso também dotar cada sala de aula com um receptor de televisão, e ensinar os professores a valer da boa televisão com os seus alunos.

Outra questão importante é atualizar o quadro de referência conceitual, teórico e de fundamentação para elaboração de programas educativos e infantis no Brasil.

6.2 A figura do professor

O papel do Professor é fundamental para os seus alunos frente a tantas mídias que estão ao nosso alcance, por isso o papel é guiar seus alunos para que os mesmos possam aproveitar dessa ferramenta de uma melhor maneira. No caso da internet ela vem modificando não somente o meio de comunicar-se, como também a forma dessa comunicação.

É importante que a escola e o professor programem praticas de leitura e de escrita que levem ao domínio dos estudantes essa competência, para assim utilizar o aprendizado tanto no texto impresso como no texto digital.

Lévy (1999) defende que o professor da cibercultura tem que ser um arquiteto cognitivo e engenheiro do conhecimento; deve ser um profissional que estimule a troca de conhecimentos entre os alunos, que desenvolva estratégias metodológicas que os levem a construir um aprendizado contínuo, de forma autônoma e integrada e os habilitem, ainda, para a utilização crítica das tecnologias. Com essa reformulação o próprio conceito de educar ira se reformular.

Para Ramal (2002), o educar, na cibercultura, envolverá critérios como consistência, motivação, capacidade de articular conhecimentos, de comunicar-se e de estabelecer relações; contribuindo, então, para a preparação do cidadão desta era: um ser consciente e crítico, apto a aprender sempre, que dialogue com as diferentes culturas e os diversos saberes, sabendo, ainda, trabalhar de forma cooperativa, sendo flexível, empreendedor e criativo. No processo da leitura e da escrita frente à tela do computador, surge novas formas de acesso à informação, novas formas de escrever e de ler, o usuário, portanto, vai usar não somente dos conhecimentos sobre a informática, como também a capacidade de compreensão e julgamento desse material online, portanto, portando uma postura crítica.

6.3 Sobre o acesso tecnológico

As tecnologias propiciam uma maior possibilidade de interação, o que pode gerar um estímulo maior para os alunos, já que dentre outras coisas eles podem buscar informações digitais, como também publicar os seus trabalhos na rede.

Xavier (2005), discorre sobre a ideia de que o gênero digital alcança muito mais do que se imagina o desenvolvimento acadêmico-intelectual de crianças e de adolescentes.

Este é um gênero emergente que poderia ser bastante explorado na e pela escola. Os professores de língua portuguesa poderiam utilizar este gênero digital para dinamizar suas aulas de produção textual. A mudança de ambiente, da sala de aula para o laboratório de informática, e a descoberta das características e potencialidades de desenvolvimento retórico argumentativo poderiam tornar a aula de português mais empolgantes e atraente. A participação constante dos alunos em FE tende a ampliar sua capacidade de argumentar sobre temas diversos, levando-os a aprender a refletir dialeticamente sobre as diversas opiniões e construir sua própria síntese sobre as questões em discussão. (XAVIER, p.37-38.).

Podemos também citar o *chat*, como outro instrumento que trás benefícios para o ensino, a respeito desse assunto, Leal (2007) acredita que formas de conversação a participação dos alunos é maior do que em aulas presenciais, o seu uso portanto favorece as novas tecnologias com a educação, a autora cita alguns pontos importantes:

O bate-papo traz contribuições para o professor e para o aluno quando seu uso é planejado e efetivamente “desejado”, ou seja, há uma necessidade de usá-lo com algum objetivo pedagógico; (...) Ele desenvolve algumas habilidades importantes que são necessárias para a Educação atual: rapidez de raciocínio, leitura dinâmica, sociabilidade, colaboração e cooperação. (p.60).

Podemos citar de acordo com a tabela de Samuel Netto (2001) presente em seu livro as mídias e as tecnologias educativas (p.179):

1. Visuais não projetados

Objetos reais, modelos, excursões, gráficos, fotos, imagens fixas...

2. Visuais projetados

Retroprojeção, *slides*, filmes fixos, projeção opaca...

3. Meios de áudio

4. Meios móveis

Vídeo educativo (videocassete, videodisco, filmes cinematográficos)

5. Computadores

6. Sistemas de multimeios

Sem e com computador (CD- ROM) vídeo interativo

7. Sistemas de telecomunicação

(rádio, e televisão educativos, teleconferência, conferência por computadores e similares)

8. Simulações e jogos educativos

9. Tecnologias do ensino – aprendizagem

Planejamento instrucional, análise de estrutura de conhecimentos, elaboração de materiais de ensino e similares.

Podemos então perceber que dependendo da instituição que o professor trabalhar e se esses recursos estiverem à sua disposição pode se valer de um bom uso para compor a grade curricular do aluno, já que os meios de comunicação são um atrativo a mais para crianças e jovens, no entanto como também já foi discutido, que passará o conteúdo deve estar atento e ser crítico para diferenciar um bom conteúdo de um ruim.

6.4 Em busca de outros elementos

A sociedade podemos dizer assim, segundo as palavras de Samuel Netto (2001) vem enfrentando um grande despreparo diante o que a humanidade esta lhe impondo, já que o mundo esta modificado sobre vários aspectos com a incrível e crescente rapidez, portanto o ensino nas escolas precisa ser invadido por conhecimentos, comunicados de muitas maneiras, como por meio de livros, folhetos, cartazes, disco e fitas gravados, microformas, transparência, diapositivos, filmes, programas de rádio e televisão educativos, ensino por meio de computadores, equipamentos de laboratório, mapas, globos, materiais tridimensionais para fins didáticos, e que também demandem de forma igual uma vigorosa ênfase nos processos cognitivos ou mentais dos aprendizes, nas suas capacidades de captar informações e selecioná-las, interagir, reter, transformar e aplicar.

Samuel Netto (2001) discorre sobre essa ideia em um trecho :

Comunicação, memória, pensamento crítico, tomada de decisão e solução de problemas são ferramentas da mente que precisam ser desenvolvidas nas crianças e nos jovens. Deterioram-se com o desuso e não chegam a produzir os frutos que poderiam gerar se lhes faltam estimulação adequada, treinamento eficaz e incentivo para o seu emprego no dia- a – dia da vida. (p.59).

O autor Samuel Netto (2001) também trata a respeito da tecnologia educacional oferecendo meios poderosíssimos de transformação da realidade educacional, o autor faz um jogo de ideias quando diz que antigamente o mundo era imenso e as pessoas podiam ser pequenas, ao contrario de hoje em que o mundo é pequeno e as pessoas precisam necessariamente ser enormes em suas competências, nos seus conhecimentos, nas estratégias e nos processos mentais de que se valem. (p.59).

Como Samuel Neto (2001) discorre em seu livro, precisamos inserir a mídia no currículo escolar, de modo que os alunos aprendam a ser mais exigentes, críticos, em relação ao que veem e ao que ouvem, como também não podemos ignorar mais ou permanecermos indiferentes quanto ao impacto que a mídia traz as crianças e aos adolescentes.

Nas palavras de Carl Sagan (1997) apud Samuel Netto (2001):

Um extraterrestre, recém – chegado à Terra – examinando o que em geral apresentamos às nossas crianças na televisão, no rádio, no cinema, nos jornais, nas revistas, nas histórias em quadrinhos e em muitos livros -, poderia facilmente concluir que fazemos questão de lhes ensinar assassinatos, estupros, crueldade, superstições , credulidade e consumismo. Continuamos a seguir esse padrão e, pelas constantes repetições, muitas das crianças acabam aprendendo essas coisas (p171).

Com isso, este trabalho encerra mais um capítulo. E afinal, o que temos a articular acerca da formação do aluno leitor e escritor, nas condições postas pela contemporaneidade?

7. Algumas Considerações

Estudar os desafios dos meios de comunicação na aprendizagem escolar trouxe-me reflexões tanto para a minha carreira profissional, quanto para a pessoal.

O estudo possibilitou através de vários autores a reflexão sobre o tema em questão, e pudemos ver que a tecnologia, a mídia, está se expandindo em grande dimensão na sociedade. Para além de uma ideia disseminada ao senso comum, de ser benéfica ou maléfica, há que se por o tema em discussão. Este estudo, sem esgotar o tema, buscou alguns autores que vem contribuindo para adentrarmos à temática. Ainda não se pode perder de vista ponderar de que modo, com que intensidade, que tipo de envolvimento as mídias, aqui correndo o risco de uma generalização, de que modo alcançam crianças, jovens, e também adultos.

Pode-se perceber de que os jovens, as crianças usam muito as ferramentas que a mídia oferece, tanto para se entreter, como também para suas pesquisas pessoais ou escolares, nesse contexto entra a figura do professor para que aconselhe os seus alunos a usarem essa ferramenta da melhor forma possível, e assim estes indivíduos possam também ter discernimento quando estão por exemplo sozinhos procurando algum determinado conhecimento; os pais, responsáveis também tem um grande papel nessa situação, já que as crianças, jovens, passam horas expostos as mídias em seus lares.

A informação através da tecnologia ficou bem mais rápida, e em alguns casos mais acessível; os jovens pode-se constar que procuram em muito informações através do recurso da internet, os professores por sua vez tem conhecimento desse fato, mas muitos não se aprofundam no assunto, e não trocam experiências entre si, o que seria enriquecedor se ocorresse de fato.

Segundo Rancière (2002): “os amigos da igualdade não têm que instruir o povo, para aproximá-lo da igualdade, eles têm que emancipar as inteligências, têm que obrigar a quem quer seja a verificar a igualdade de inteligências” (p. 11).

Podemos também nesse trabalho refletir sobre o uso das mídias que em muitas vezes não ocorre nas instituições escolares, tanto pudemos ver que é por causa do altruísmo de alguma das partes da instituição, ou pela falta de recursos na mesma.

A mídia é tão vasta, que se usada de modo adequado a situações diversas, pode contribuir para o ensino não somente em sala de aula, como também fora da mesma.

O estudo, portanto fez indagações através de vários autores que discutiram o tema, e então fica evidente de que um bom conhecimento ocorrerá de fato se seu desenvolvimento for a matéria prima da aprendizagem.

Dessas ponderações, finalizo esta escrita, apropriando-me de tudo que vivi, que aprendi, permanecendo em minha memória.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. Q. O leitor-navegador II. In: SILVA, E. T.(coord.). A leitura nos oceanos da Internet. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

BAUMAN, Z. Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BOGDAN, R; BIKLEN S. *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. 1ed. Porto: Editora Porto, 1994.

BUCKINGHAM, David. *Media education – literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge: Polity Press, 2003. et al. The media literacy

CAMPOS, M. C. S. S. *Educação: agentes formais e informais*. São Paulo: EPU, 1985.

COSTA, C. *Entre quatro paredes*. Revista Educação. Editora Segmento.v. 28. n. 250,p.44-53, fev. 2002.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo. Editora: UNESP, 2002.

FREITAG, R. M. K ; FONSECA E SILVA, M. *Uma análise sócio-linguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino da língua portuguesa*. Revista Intercâmbio,volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

LEAL, V. P. L. V. *O Chat quando não é Chato: O papel da mediação pedagógica em Chats Educacionais*. In: ARAUJO, Júlio César (Org.) Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula*. In: *Linguagem e Ensino*, Vol.4 Nº1, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

NETTO, S. P. *Telas que ensinam: Mídia e aprendizagem do cinema ao computador*. 2ed. Campinas: Editora Alínea, 2001.

PALFREY, J; GASSER U. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. 1ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

POSSENTI, S. *Revista Discutindo Língua Portuguesa - Você entende Internetês? São Paulo: Escala, 2006, p.28 - 33.*

RAMAL, A. C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002

RANCIÈRE, J.; O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RETTENMAIER, Miguel. (Hiper) Mediação leitora: do blog ao livro. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho e RÖSING, Tânia M. K. (orgs.) *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. 1 ed. São Paulo: Global, 2009.

RICARDO, F. G. S. *A boa escola no discurso da mídia: Um exame das representações sobre educação na revista Veja (1995 – 2001)*. 1ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2001.

SILVA, E. T. *Leitura no mundo virtual: alguns problemas* In: SILVA, E. T. (coord.). *A leitura nos oceanos da Internet*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, R. A. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, V. L. M. de Oliveira (org.) *Interação e Aprendizagem em Ambiente Virtual*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p.15-36.

TYNER, K. *Literacy in a digital world*. Mahwa: Lawrence Erlbaum, 1998.

XAVIER, A. C. *O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2002 (Tese).